

SCHLAPPRIZ, BURCHELL E ARTE  
RELIGIOSA NO BRASIL

Mário Barata

Entre os livros de 1981, no Brasil, deve ser destacada edição verdadeiramente monumental de trabalho do crítico de arte Clarival do Prado Valadares, **Aspectos da Arte Religiosa no Brasil: Bahia, Pernambuco, Paraíba**, edição Odebrecht, com a cooperação da Spala Editora, Rio, 1981, fora do comércio. De formato 31cm x 28cm, apresenta 221 amplas fotos coloridas, muito bem reproduzidas, com impressão de raro nível do país, pela qualidade. Permitirá, longe dos originais, estudos mais exatos na nossa História da Arte, cujo desenvolvimento deverá retomar o caráter científico que o antigo SPHAN vinha obtendo há três decênios.

O autor escreveu preâmbulo e extensos comentários-verbetes, acompanhando as ilustrações e finaliza, como em outros seus trabalhos, com boa relação bibliográfica.

Entre outras publicações de arte oferecendo valor histórico, estão dois livros preparados cuidadosamente por Gilberto Ferrez, historiador que aí aprofunda os seus estudos e divulga material iconográfico sobre um artista e um botânico, em seus desenhos brasileiros. O primeiro é o suíço Luiz Schlappriz, chegado ao Recife em 1858, e outro o inglês William J. Burchell, que esteve no Brasil de 1825 a 1829.

Schlappriz tornou-se famoso pelas imagens que nos legou, em litografias lançadas de 1863 a 1865, por F. H. Carls, no Recife. Já em 1954, Ferrez havia preparado catálogo dessas peças, publicado no Recife. É acertada a dedução deste dedicado pesquisador de que o autor artístico seria integralmente Schlappriz. A inscrição **dess** aposta ao nome do artista deve ser **dessinateur**, escolhido o termo francês por ser então corrente a influência da França nas artes. Justifica-se também por basear-se em técnica usando o desenho direta sobre a pedra preparado. Já a menção **Lith**, que vem antes do nome de Carls, indica, como no caso de outras litografias instaladas no Império, a empresa ou oficina e não a ação de litografar.

Carls era alemão de Osnabruck. Schlappriz era presumivelmente do cantão de Thurgau, perto do lago Constança. Ferrez cita as pesquisas a respeito do Prof. José Antônio Gonçalves de Mello, no **Diário de Pernambuco**. Esse conhecido historiador pernambucano tem encontrado muita documentação sobre as artes do passado de sua região e auguramos que isso continue, em benefício de todos nós.

O livro intitula-se **O Álbum de Luís Schlappriz, Memória de Pernambuco, Álbum para os Amigos das Artes 1863** e compendia 32

pranchas, numa edição primorosa da Fundação de Cultura Cidade do Recife, com excelente apoio gráfico da Fundação Pró-Memória, lançada em fins de 1981.

A ação benemérita de Gilberto Ferrez se concentra sobretudo no lado iconográfico e nas informações atinentes a sítios e edifícios, colhidas em livros antigos. Isso se comprova também no outro trabalho por ele publicado no final do ano: **O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell, 1825/1829**, pela edição da Fundação João Moreira Sales e Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro, 1981. Os desenhos valiosos de Burchell ( 1781 – 1863 ), nascido e falecido na Inglaterra, tornam-se agora mais conhecidos dos estudiosos, tendo estado a maioria deles inédita até este livro. Os desenhos relativos a Goiás Velho e a viagem ao Pará pelo Tocantins são surpreendentes e é pena que se haja perdido o panorama de Belém, como revela Ferrez, que reproduz com nostalgia ou como chamariz aos futuros pesquisadores, as oito páginas do índice remissivo desse desenho extraviado, com 128 itens, incluindo ao lado de menções a casas particulares já conhecidas por desenhos de Landi ou outras fontes – como as da família José M. Rodrigues Martins e da de Ambrósio H. da Silva Pombo – as das famílias de João de Araújo ( Rozo ) e da Viúva Cardozo, parente do anterior; à família pertencia Jacinta Maria de Araújo Cardozo, que veio a casar-se com Manuel José de Melo Freire Barata. Também está referida a casa de Vicente Antônio de Miranda, tio-avô de Antônio Chermont de Miranda, que visitei no Le Vesinet, perto de Paris, em 1946.

Observou com razão Ferrez que esta preciosa série de desenhos confirma a unidade da arquitetura no imenso território brasileiro. Isso sobressai pela comparação das imagens de Santos, Goiás e Pará com as do Rio, destacando a uniformidade e a grandeza da implantação arquitetônico-urbanística dos portugueses na sua colônia. Rua de Goiás parece com as que conhecemos de Desterro ou do Rio de Janeiro. Igrejas do interior do Pará ou do Brasil central se equivalem, no gosto e nas dimensões, com muitas do litoral. O autor anota certos pormenores inéditos, como o de ponte coberta ( p. 71 ).

Em Goiás Velho, desenho panorâmico revela como era a Matriz de Sant'Ana ( pp. 124 e 126 ) hoje desaparecida, cujo frontão acentuado e rigidamente triangular – em uma Capitania onde, no século XVIII, havia igrejinhas de alçados ornamentais barrocos, documentados – parece indicar tratar-se, nessa parte, de construção continuada no início do Oitocentos, o que sugere certa rapidez de transmissão dos estilos em novas linguagens, no interior do país, fato ainda pouco estudado. Lateralmente, a Matriz é barroquizante. Muitos outros pontos do passado de nossa arquitetura necessitam ser documentados e analisados dentro

dos métodos historiográficos mais completos, a se difundirem entre nós. Livros como este contribuem para isso, com útil documentação.

( Do "Jornal do Comércio", Rio de Janeiro,  
20-1-1082.)

\*